

# ***A VIDA NO LIMITE: ATIVIDADES ILEGAIS, MIGRAÇÃO IRREGULAR E DIREITOS HUMANOS NA FRONTEIRA ENTRE O ESTADO DO AMAPÁ E A GUIANA FRANCESA.***

Manoel de Jesus de Souza Pinto\*

## **Resumo**

Este artigo trata sobre as relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa. Em linhas gerais fizemos uma reflexão como as migrações internacionais, em tempo de globalização, colaboram para desenraizar, excluir e incluir marginalmente milhares de trabalhadores brasileiros, que atuam no mercado de trabalho guianense. Procuramos recuperar a história das primeiras migrações de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa e também lançamos um olhar em diversas temáticas que cruzam este fenômeno, a saber: globalização, migração irregular e direitos humanos. Em síntese este artigo tentou dimensionar “o que é ser imigrante ilegal na Guiana Francesa”.

**Palavras-chave:** Guiana Francesa, relações de trabalho e migrações internacionais.

## **Abstract**

This article discusses the employment relations of Brazilians in French Guiana. In general we did a study as international migration, in time of globalization, work to uproot, exclude and include marginally thousands of Brazilian workers, who work in the labor market guianense. We seek to recover the history of the first migration of Brazilian workers for French Guiana and also launched a look at several issues that cross this phenomenon, namely globalization, illegal migration and human rights. In summary this article tried to gauge "what is to be illegal immigrant in French Guiana"

**Keywords:** French Guiana, working relations and international migration.

## **Introdução**

Mais do que qualquer outro momento na história, o mundo atual parece encontrar-se convulsionado. Novos modelos de produção e mudanças no mercado têm impactado de maneira definitiva as relações de trabalho, e assim outras institucionalidades são criadas. Ao mesmo tempo, formas de se posicionar diante da vida emergem de modo vigoroso, Márcia Leite<sup>1</sup>. Ainda nesta perspectiva de mudanças, as migrações de trabalho, de uma maneira geral, estão aumentando significativamente neste início do século XXI. Em certos casos, assumem formas dramáticas de vencer o desemprego sobretudo em países emergentes. Neste contexto, o desejo, mesmo de maneira irregular, de se chegar aos Estados Unidos pelo México ou de chegar a Guiana Francesa pelo Oiapoque, para milhões de trabalhadores imigrantes parece ser o mesmo, ou seja: conseguir trabalho e viabilizar melhores condições de vida.

Segundo Michel Agier, além das migrações por trabalho, existe outro quadro estarrecedor das mobilidades humanas contemporâneas. Neste início de século XXI, cerca de 50 milhões de pessoas são qualificadas pelas Nações Unidas como “vítimas de deslocamentos forçados”. Entre estas, de 13 a 18 milhões são refugiados *stricto sensu*, ou seja, que vivem fora de seu país, estando maciçamente concentrados na Ásia (mais de 6 milhões) e na África (7 a 8 milhões). Esses refugiados somam-se aos 3 milhões de palestinos refugiados desde o período de 1940 a 1960 em diversos países do Oriente Próximo (Líbano, Jordânia, Síria,

---

\* – Doutor pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos NAEA/UFPA; mestre em Sociologia/UFPA; Especialista em História da Amazônia; Graduado em Ciências Sociais e professor Ajunto da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

<sup>1</sup> LEITE, Márcia de Paula. *Trabalho e sociedade em transformação*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

território palestino). Por outro lado, um pouco mais de 3 milhões de pessoas são consideradas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) como *returnees*, ou em “via de repatriamento”. Enfim, de 25 a 30 milhões, segundo estimativas, são Internally Displaced Persons (IDP)<sup>2</sup>. Todos esses números são aproximativos e contestáveis. Eles não incluem um número vasto (mais difícil de calcular com precisão) de trabalhadores irregulares espalhados pelo mundo todo<sup>3</sup>.

Em seu livro “Vidas desperdiçadas”, Bauman<sup>4</sup>, de forma categórica, afirma: “Os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os *sans papiers* constituem o refugio da globalização”. Infelizmente, ressurgem em várias partes do mundo, inclusive em Caena, formas de trabalho que já haviam sido condenadas pela história, como por exemplo: trabalho escravo, trabalho domiciliar, trabalho por tarefas, trabalho temporário. Novamente constatamos aqui uma grande contradição do capitalismo avançado e do próprio processo de globalização que falamos anteriormente: convivem, lado a lado, a tecnologia mais avançada e as formas de trabalho mais retrógradas.

### **1. Trabalho à vista: o início das migrações de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa**

As diferenças regionais, consolidadas ao longo de vários séculos por políticas públicas discriminatórias entre as regiões brasileiras, podem ajudar a entender melhor porque certos acontecimentos que ocorrem em algumas regiões brasileiras - principalmente nas mais pobres, são ignorados pelo Estado e pela própria sociedade nacional. Talvez um bom exemplo dessa “ignorância coletiva” seja a saída de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa que já acontece há mais de cinco décadas no extremo norte do Brasil.

A emigração de brasileiros, a partir da década de 1980, para o exterior, por exemplo, já produziu dezenas de seminários e valiosos estudos acadêmicos que ajudaram a compreender melhor como vivem os brasileiros nos Estados Unidos, Europa e Japão. Trabalhos como “Brasileiros longe de casa” de Sales<sup>5</sup>, “Little Brazil” de Margolis<sup>6</sup>, “Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts” de Martes<sup>7</sup>, “Para onde vão os brasileiros” de Kawamura<sup>8</sup>, “Brasileiros fora de si” de Carlos Meihy<sup>9</sup> (2004) já podem até serem chamados de clássicos. A partir do final da década de 1990, inúmeras dissertações e teses de doutorado também foram produzidas nas universidades, aumentando ainda mais o foco de análise sobre as causas e as características das migrações

<sup>2</sup> “Internally Displaced Persons”, segundo a definição da ONU, é uma categoria de possuidores de direito que designa pessoas que deixaram sua região de origem por causa de violências ou de guerras internas, mas permaneceram no interior das fronteiras de seu país.

<sup>3</sup> AGIER, Michel. *Refugiados diante da nova ordem mundial*. Rev. Tempo Social, São Paulo, v. 18, n. 2, nov. 2006.

<sup>4</sup> Bauman, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

<sup>5</sup> SALES, Tereza. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>6</sup> MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.

<sup>7</sup> MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>8</sup> KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros*. Campinas: Unicamp, 2003.

<sup>9</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil Fora de Si. Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.

internacionais brasileiras. No entanto, como já afirmado, bem anterior a tudo isso, principalmente em termos cronológicos (década de 1960), temos talvez os primórdios das migrações internacionais de trabalho em nosso país.

A emigração de brasileiros à Guiana Francesa já ocorre há pelo menos cinco décadas. Desde 1964, no auge da construção das instalações da cidade de Kourou<sup>10</sup>, a saída de nortistas para cidade de Caiena tornou-se uma opção para milhares de trabalhadores desempregados. Os comentários a seguir retratam bem o que aconteceu:

Se tivesse bola de cristal, talvez o governo francês teria pensado melhor antes de contratar quase mil brasileiros que serviram de mão-de-obra barata para a construção da base espacial européia de Kourou, no norte da Guiana Francesa. Foi aí, em 1964, que começou a história de amor e ódio entre a Guiana Francesa e os compatriotas de seu país vizinho. Depois de Kourou, começou a correr no Pará, Maranhão, Amazonas e Amapá a notícia de que trabalhar na Guiana era a salvação para o desemprego e a baixa renda salarial que maltratava os trabalhadores no Brasil<sup>11</sup>.

Foi aqui nos anos de 1964-1965, na ocasião do início dos canteiros do Centro Espacial Guianês em Kourou, que foi verdadeiramente deslançada a imigração organizada (com brasileiros, mas igualmente colombianos). Paralelamente, uma imigração espontânea principiava: a maior parte dos brasileiros entrava ilegalmente sobre o território e poucos regularizaram sua situação. O elemento atrativo principal era o salário, elevado em comparação com o de seu país de origem<sup>12</sup>.

O primeiro passo para se conseguir um emprego na Guiana Francesa, geralmente é dado ainda no Brasil. Pelos depoimentos colhidos, identificamos verdadeiros projetos de vida de pessoas que se deslocaram para o território francês. Tem trabalhador que se submete a qualquer tipo de serviço temporário e informal, ainda no Brasil, com objetivo de guardar certa quantia em dinheiro para custear as despesas da viagem para o território francês. Outra maneira de se chegar à Guiana muito utilizada, é a coleta familiar. Neste caso, todos os membros do grupo contribuem com as despesas da viagem<sup>13</sup>, principalmente os que possuem uma melhor situação financeira.

Saindo das causas imediatas e passando para as causas estruturais, este estudo demonstrou uma importante característica do movimento migratório para o Departamento Ultramarino Francês: o caráter compulsório<sup>14</sup> desses deslocamentos. Sobre esta questão, sabemos também que isto ocorre em outros contextos regionais/mundiais. Na verdade, ninguém deixa o seu país de origem para ser irregular em outro, por qualquer motivo. No entanto, quando se acentua o fato de que as saídas dos brasileiros em direção à Caiena podem

<sup>10</sup> Cidade localizada a 78 km a noroeste de Caiena, perto da base de lançamento de foguetes.

<sup>11</sup> ALMEIDA, Jaqueline. *Caiena deporta 500 brasileiros em 5 meses*. O Liberal, Belém, ano LIX, n. 31.067, 2005.

<sup>12</sup> AROUCK, Ronaldo de Camargo. *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades*. Belém: NAEA/UFPA, 2002.

<sup>13</sup> Os custos financeiros de uma viagem até a fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, se for de um estado da região Norte/Nordeste, são em média de 300 a 400 reais.

<sup>14</sup> De maneira formal ou informal, os brasileiros relatam que se deixaram o Brasil, foi devido às dificuldades estruturais vivenciadas no país. A falta de oportunidades de emprego, os baixos salários e um melhor futuro para os filhos sempre aparecem nos argumentos de quem resolveu sair das regiões Norte/Nordeste à procura de uma vida melhor. É perceptível, pela entrevistas realizadas em nossa pesquisa, que para muitos imigrantes brasileiros a decisão de ir trabalhar na Guiana Francesa é uma ação emergencial, é um “estado de exceção”, que diga-se de passagem, pode durar por toda a vida. É como se todos dissessem: estou aqui obrigado, ou mesmo, o Brasil me expulsou, por isso estou aqui.

ser entendidas com verdadeiras expulsões, é pela constatação da extrema fragilidade social, econômica e cultural desses emigrantes.

Uma matéria publicada pelo jornal *O Liberal*<sup>15</sup> (28.05.2005), assinada pela jornalista Jaqueline Almeida<sup>16</sup>, afirma que paraenses, maranhenses, amazonenses e amapaenses são os que mais trocam o Brasil pelo exterior (leia-se Suriname e Guiana Francesa), encantados pela moeda forte. Atividades braçais que no Brasil renderiam 300 ou 400 reais, em Caiena giram em torno de 1000 euros (basta saber a cotação diária do euro e fazer a conversão). Afirma a autora da matéria que é comum os homens irem primeiro e depois levarem a família. No entanto, o Governo Francês está restringindo quase a zero a emissão de vistos de trabalho e as chamadas *cartes de séjour*<sup>17</sup>.

## **2. Clandestinidade e trabalho escravo na Guina Francesa: a difícil realidade dos trabalhadores brasileiros**

Neste momento gostaria de contar uma situação que acompanhei no meu retorno de Caiena, na primeira viagem que fiz ao Departamento Ultramarino Francês.

No dia do meu retorno para a cidade de Macapá, acordei cedo e me dirigi às adjacências do Mercado Central da cidade de Caiena, com objetivo de pegar uma van e ir até Saint-Georges, cidade que faz fronteira com o Oiapoque-AP/BR. Ao chegar no local, fui informado pelo proprietário do veículo que até aquele momento tinha apenas uma pessoa confirmada para viajar; no entanto, o mesmo me garantiu que assim que o carro completasse sua lotação, a gente partiria. Foi neste momento que puxei conversa com o primeiro passageiro, cujo nome era Antônio do Rosário<sup>18</sup>. Sua aparência física tinha um ar de cansaço e seu rosto uma palidez acentuada. De forma perceptível apresentava uma certa preocupação no ar. Logo depois ele me informou que era irregular, tinha trabalhado 10 meses em Caiena e que estava voltando para sua casa que ficava em Macapá, no Distrito da Fazendinha-AP. Nesse período de trabalho, conseguiu poupar cerca de 7 mil euros, mas para isso enfrentou diversas situações de perigo e altas jornadas de trabalho. Me informou ainda que estava retornando por causa das festas de fim de ano, mas que pensava em voltar logo no início mês de janeiro/2007. Conforme as horas iam passando, mais brasileiros chegavam para viajar. Por volta de 12h, finalmente a lotação estava completa e partimos. Antes porém, o dono do transporte solicitou o pagamento das passagens. Ao perguntar se todos tinham “papel”, as respostas foram positivas, menos uma: do passageiro que chegou mais cedo. Obviamente que nem todos que falaram que possuíam “papel” estavam dizendo a verdade. Contudo, o único que falou a verdade pagou caro, em todos os sentidos, por esse ato. Ao saber de sua ilegalidade, o dono da van pediu 10 euros a mais; e argumentou dizendo que transportar clandestinos envolvia riscos. Sem meias palavras, avisou também que ele não se responsabilizaria pelo que acontecesse ao longo da viagem, em caso de *blitz* da polícia. Todos entramos no carro e partimos em direção a Saint-Georges/Oiapoque-AP. Ao chegarmos no trevo da cidade de Reginã, o passageiro clandestino foi obrigado pelo motorista a descer da van e aguardar o retorno, já que iríamos passar pelo centro da cidade e que ele não queria ter surpresas desagradáveis, se referindo às autoridades policiais. Nesta cidade, mais 2 passageiros pegaram à lotação. No retorno, no mesmo local que tinha ficado, subi novamente na van, o único clandestino declarado, Antonio do Rosário. Mas o pior estava por vir [...]

---

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> O projeto que deu origem a esta reportagem foi vencedor da categoria jornal do 2º Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística, realizado pela Agência de Notícias dos Direitos da Criança (Andi) e o Instituto WCF-Brasil, com apoio do Unicef, da OIT, da Fenaj e da Abraj.

<sup>17</sup> Visto de permanência expedido pelo governo francês que pode durar de 1 a 10 anos.

<sup>18</sup> Nome fictício.

Próximo à cidade de Saint-Georges, o motorista do veículo foi avisado por outro colega que havia policiais na estrada. Imediatamente, estacionou a van no acostamento e praticamente obrigou Antonio a descer do veículo. Sem saber muito bem o que dizer, acatou as ordens. Desolado, Antonio ficou à beira da estrada entregue a própria sorte. Mais adiante passamos pelo carro dos policiais da PAF. Muitos passageiros que inicialmente se declararam legalizados abaixaram-se no assoalho da van. Passamos devagar pela viatura policial. Para a sorte de muitos e azar do Antônio, os policiais não mandaram o veículo parar. Já em Oiapoque, não conseguia esquecer as cenas chocantes da viagem; além do fato de me sentir um pouco responsável pelo que aconteceu. Ninguém dentro da van disse: “Ei, motorista; ele não precisa sair; caso a polícia apareça ele deita no assoalho do carro”. Até hoje não esqueço esta viagem e lamento profundamente minha própria omissão (Pesquisa de Campo<sup>19</sup>)

Segundo informações de pessoas mais experientes que viajavam na van, provavelmente uma dessas três hipóteses pode ter ocorrido com Antonio: 1- Entrou na mata e ao anoitecer seguiu viagem a pé até o município de Saint-Georges; e logo em seguida cruzou a fronteira para Oiapoque; 2- Caminhou pela mata (margem da estrada), logo em seguida após descer da van, até o município de Saint-Georges; 3- Foi detido pela polícia francesa, levado novamente para Caiena e, de lá, deportado para Macapá ou Belém.

Não resta dúvida que após apresentar estes casos repletos de acontecimentos trágicos, seria pertinente fazer algumas reflexões. Tanto na Guiana Francesa quanto em outros contextos internacionais (Estados Unidos, Europa) a questão da migração irregular é um problema ético e humano. Parece que em relação ao caso de Isaías dos Santos, pode-se dizer que sob as figuras do desemprego, da deslocação, do refúgio e da errância, a violência e a barbárie se desenvolveram sob uma estética da crueldade na qual se perdeu qualquer vínculo de alteridade e reconhecimento pelo outro.

### **Considerações finais**

Ficou patente nesse estudo que o *modus-operandi* de integração dos imigrantes brasileiros no mercado de trabalho local ocorre praticamente de maneira informal e ilegal. Atraídos pelo desejo de emprego, muitos trabalhadores não percebem as frágeis relações de trabalho a que são submetidos, muitas vezes com um grande grau de exploração. A necessidade de mão-de-obra do mercado de trabalho guianense, responsável pelos primeiros ciclos migratórios, hoje talvez não seja a única explicação para a grande presença de estrangeiros nesta verdadeira Babel dos Trópicos Úmidos, que é a cidade de Caiena. Outros fatores concorrem diretamente para que este território ultraperiférico da Europa tenha se transformado na última esperança dos excluídos de trabalho das regiões Norte/Nordeste. A moeda forte, o sistema previdenciário, os benefícios sociais, as possibilidades reais de trabalho e a febre do ouro são os grandes responsáveis por aventuras dramáticas e situações de desespero vivenciadas por homens e mulheres que perderam suas referências territoriais. A conclusão deste estudo é a de que as relações de trabalho dos brasileiros na Guiana Francesa, apesar de ocorrerem em setores da economia informal, marcados por processos ilegais, e em áreas com potencial remuneratórios baixos; possuem vínculos com algumas mudanças globais que ocorrem no mundo atual. Algumas características do mundo globalizado acabaram promovendo uma série de reflexões neste trabalho, na medida em que elas aparecem invertidas, aparentemente desconectadas e paradoxais. As transformações no mundo do trabalho, tendo como pano de fundo as migrações internacionais contemporâneas assinalam

<sup>19</sup> PESQUISA DE CAMPO. Projeto de pesquisa intitulado: “O fetiche do emprego: um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa”, realizado em Macapá, Oiapoque e Caiena, tendo como orientadora a professora Edna Maria Ramos de Castro, junto ao NAEA/UFPA, Belém, 2006

que, em determinadas atividades desprezadas pelo mercado de trabalho local algumas áreas são destinadas aos trabalhadores imigrantes, principalmente aos clandestinos.

### **Bibliografia**

ALMEIDA, Jaqueline. Caiena deporta 500 brasileiros em 5 meses. O Liberal, Belém, ano LIX, n. 31.067, 2005.

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. Rev. Tempo Social, São Paulo, v. 18, n. 2, nov. 2006.

AROUCK, Ronaldo de Camargo. Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades. Belém: NAEA/UFPA, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas: Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEITE, Márcia de Paula. Trabalho e sociedade em transformação. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

MARGOLIS, Maxine. Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994.

MARTES, Ana Cristina Braga. Brasileiros nos Estados Unidos. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KAWAMURA, Lili. Para onde vão os brasileiros. Campinas: Unicamp, 2003.

PESQUISA DE CAMPO. Projeto de pesquisa intitulado: “O fetiche do emprego: um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa”, realizado em Macapá, Oiapoque e Caiena, tendo como orientadora a professora Edna Maria Ramos de Castro, junto ao NAEA/UFPA, Belém, 2006

\_\_\_\_\_. Projeto de pesquisa intitulado: “O fetiche do emprego: um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa”, realizado em Macapá, Oiapoque e Caiena, tendo como orientadora a professora Edna Maria Ramos de Castro, junto ao NAEA/UFPA, Belém, 2004.